



## **AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS, IMAGINAÇÃO E REALIDADE: A ENTRADA EM CAMPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

*Autoria: Maria Angélica Chagas Ferreira<sup>1</sup>*

**EIXO TEMÁTICO:** Vidas múltiplas, corpos e culturas urbanas

### **RESUMO**

Esse trabalho é o resultado da entrada em campo numa escola de Educação Infantil, na cidade de São Paulo. Objetivando observar as crianças nas atividades externas não dirigidas no espaço do parque, pois lá eles brincam e organizam as brincadeiras de acordo com suas preferências e afinidades. Como base teórica, temos os autores de referência do curso, como Rockwell, 2009; Geertz, 2008; Fonseca, 1999. Outros autores utilizados que subsidiaram as análises realizadas, são eles: Cohn, 2005; Gusmão, 2012; Cavalleiro, 2003. A conclusão é uma síntese analisada da atividade realizada.

Palavras- chave: brincadeira, parque, criança, educação infantil.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UFSCAR), Especialista em Formação de Professores para o Ensino Fundamental (IFSP\_SPO), Diretora de Escola-SME- SP, São Paulo- SP, Brasil. Contato: angelicachagasf@gmail.com.



## **INTRODUÇÃO**

Esse trabalho é o resultado da proposta da disciplina Etnografia aplicada à pesquisa educacional, chamada de Entrada em Campo, nessa escrita está o que observei durante a incursão realizada numa Escola Municipal de Educação Infantil- EMEI, na cidade de São Paulo.

O objetivo inicial era observar como as crianças se organizavam no parque, se relacionavam, criavam brincadeiras, acolhia e excluía colegas, porém no decorrer das incursões percebi que esse processo não é linear e nem acontece a todo ida ao parque, assim comecei a observar outras situações.

A escrita está concentrada em três capítulos, sendo que no capítulo um, inicio o diálogo com os autores de referência do curso, cito: Erickson, 1989; Elsie Rockell, 2009; Geertz, 2008 e Fonseca, 1999 explicando as circunstâncias da entrada, a realidade da escola, algumas dificuldades encontradas e encerro o capítulo afirmando a importância da Etnografia para estudos na área da Educação Infantil.

No capítulo dois, descrevo a Entrada em Campo, as atividades e brincadeiras desenvolvidas e criadas pelas crianças, a receptividade delas e dos professores, as limitações encontradas, relatos do diário de bordo e das incursões, com situações vivenciadas no cotidiano, como referência utilizo Cohn, 2005; Gusmão, 2012; Iturra, 1997.

No capítulo três depois de observar algumas situações de preconceito, escrevo fatos ocorridos com os alunos Thiago e Letícia (os nomes foram modificados, pois não foi possível colher autorização dos familiares das crianças, a direção da escola não autorizou), as dificuldades encontradas por essas crianças em situações peculiares, e com a necessidade de atenção do professor e um trabalho pedagógico de acolhida e diálogo com as crianças e as turmas, assim Cavalleiro, 2003 e Cohn, 2005, auxiliam a base teórica desse capítulo.

Enfim, o presente trabalho é um convite para conhecer a escola, as crianças e as curiosidades do espaço do brincar.



## **CAPÍTULO 1- A ETNOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Ao adentrar na escola de Educação Infantil, comecei a observação pela perspectiva dos autores de referência das aulas da disciplina de Etnografia, como afirma Geertz (2008), para a captação é importante a observação<sup>2</sup>, mais do que a interpretação, para que seja possível entender a estruturas, coletar dados, observar ritos e entender os limites.

Fonseca (1999), afirma que é importante para estudo estabelecer um diálogo entre o pesquisador e o interlocutor estabelecendo uma comunicação possibilitando uma maior aproximação com os sujeitos de pesquisa, nesse sentido os professores se tornaram os interlocutores, porém a aproximação com eles aconteceu de maneira gradual, e de acordo com as situações presenciadas durante as idas a escola.

Comecei a esquematizar minha rotina na escola, participava de dois momentos de parque e no intervalo entre eles observava o lanche e outras vezes fazia o diário de campo, para não perder observações importantes.

A competência comunicativa melhora o desenvolvimento do aluno, segundo Erickson (1989), por isso, tento na incursão trazer e sistematizar as falas das crianças, no cotidiano escolar e mais restritamente no parque.

## **CAPÍTULO 2- A ENTRADA EM CAMPO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL : NA AREIA, BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA (RELATOS DO DIÁRIO DE BORDO).**

A ênfase sobre o espaço da areia acontece porque foi nesse espaço que percebi que as crianças inventam, criam, assim, relato o que aconteceu em uma das incursões, pois, a possibilidade de inventar, quando criam bolos, esconderijos para os “bichinhos da natureza”, pontes, castelos, estacionamentos, estradas ou mesmo quando escorregam e são amortecidos quando caem na areia,

A descoberta aconteceu com um inseto, aparentemente um marimbondo. Uma das crianças achou e levou para os outros colegas verem. Um deles orientou os colegas “a não pisar no bichinho da natureza”. Eles recolheram o inseto e colocaram num pote com tampa, segundo eles para não voar. Depois levaram o inseto para areia e também cobriram só que o brinquedo tinha uma abertura, para que os colegas pudessem ver o inseto e sua corrida para sair, o bater das asas e o cansaço depois

---

<sup>2</sup> Objetivos iniciais da Entrada em Campo: Observar a organização das crianças quando o plano de aula objetiva a autonomia da criança em brincadeiras livres; Compreender as falas das crianças durante as brincadeiras elaboradas e organizadas no parque; Analisar a ida ao parque e estabelecer algumas relações com o cotidiano da turma durante outras atividades que acontecem na linha do tempo.



de muito patinar na areia. O horário do parque acabou, enfim a mariposa saiu, mas não conseguiu voar. ( relato do diário de bordo- 16/05/2018).

Presenciei ainda muitos comentários entre professores, esse aluno é assim, esse é assim, intitulado as crianças de maneira pejorativa, “comentários negativos são prejudiciais à formação da identidade de qualquer criança. Dissimulações, piadas, ironias encobrem o preconceito latente e favorecem a cristalização de ideias preconceituosas” (Cavalleiro, 2003, p. 64).

Muitas vezes as crianças vinham se queixar, reclamar, pedir alguma coisa, e algumas professoras não ouviam, dizendo “vai brincar, para de ser chato”, ou falas parecidas. Ainda tinha os alunos que ficavam no pensamento e a professora falando da criança de maneira pejorativa do lado dela.

A reação dos sujeitos sociais, suas transgressões, mesmo nas brechas do sistema, revela que a cultura nunca é inteiramente fechada e a criança sabe o que vive e comunica aquilo que sabe. É o adulto que não a ouve ou vê, deixando de aprender com ela, e, assim, não estabelece a comunicação e o trânsito entre vivências, saberes, aprendizagem e ensino. ( GUSMÃO, 2012, p.164. )

No pátio o relato das aventuras acontece mais oralmente, e no parque eles tentam criar o que imaginam, ou ainda criar outras realidades imaginativas, utilizando como referência experiências que já tiveram como cozinhar, construir, desconstruir, possibilitando essa confluência entre a ideia (imaginação) e prática (brincadeiras de faz de conta).

Enfim, são essas brincadeiras que compõe o cotidiano das crianças nessa escola de Educação Infantil.

### **CAPÍTULO 3- O QUE VI E VIVI- ALÉM DA ENTRADA EM CAMPO**

A entrada em campo proporciona uma experiência muito peculiar, sair da condição de professora, gestora e me tornar pesquisadora, observadora de uma realidade que normalmente é irrelevante, ou percebida sem grande atenção, estando na Educação Infantil e ouvir as crianças, sua perspectiva da realidade e do cotidiano, fez dessa incursão algo além do que havia planejamento inicialmente.

A necessidade de escrever esse capítulo surge dessa perspectiva, isso porque, a aproximação das crianças e das professoras, a acolhida das pessoas que trabalham na escola, diminuindo o



estranhamento, tornou as incursões mais tranquilas, e pude assim observar outras situações e são elas que serão abordadas neste momento.

Há os preferidos e os abominados, e curiosamente nas turmas que observei, essa predileção está ligada a origem étnica e as atitudes cotidianas, assim os “fofos” são os meninos e as meninas brancas, banhados, bem penteados, cheirosos, as vezes as professoras reclamavam dos pais, mas a crianças era ótima (segundo elas), a afirmação que estou fazendo é de acordo com as falas das próprias professoras,

Numa das incursões, havia uma criança chorando, e saiu correndo e se escondeu na sala de aula, todos tentaram tira-lo de lá e entender o motivo dele ter saído daquela maneira do pátio. A professora dele, só que do período da tarde havia acabado de chegar, e se prontificou a ajudar, com jeitinho, e atenção, conseguiu tirá-lo de lá e trouxe-lo para almoçar. E ficou observando ele, me aproximei dela e perguntei se havia acontecido algo. Ela respondeu:

\_ Ele fica nervoso quando é contrariado. Mas é tão fofo, tão cheiroso, que adoro ficar perto dele. (Incursão ao pátio).

Essa diferenciação é percebida em outras situações. Comecei a observar os alunos, que as professoras diziam ser os “indisciplinados”, eles são na maioria pretos e pardos e meninos, e o que fica evidenciado é que “as crianças da pré-escola, além de já se darem conta das diferenças étnicas, percebem também o tratamento diferenciado destinado a elas pelos adultos a sua volta” (Cavalleiro, 2003, p.98). Havia uma atenção mais hostil aos alunos não brancos, eram eles que ficavam do lado da professora sem brincar, enquanto isto, alguns outros eram acariciados, quando choravam ou estavam envolvidos em algum conflito.

Nas observações fiquei imaginando o que as crianças pensam quando sentem esse tipo diferenciação,

No parque ouvi uma criança me chamar: “vem brincar com a gente”, virei para ver e era a Letícia, uma menina negra, e que sua família ao arrumar o seu cabelo, faz o penteado conhecido como” rabinho de cavalo”. Brincamos conversamos e veio alguns meninas e meninos brincarem com a gente, fizemos bolo de areia, brincamos de casinha, de culinária. Quando o horário do parque acabou ajudei a professora com a higienização (lavagem das mãos, beber água, ir ao banheiro), e a Letícia estava com o grupo que eu estava auxiliando, e eu disse:

\_ Nossa crianças, estamos marrom. Por causa da terra e da poeira. Letícia, rispidamente, respondeu:

\_ Não sou marrom, sou branca. E eu respondi:

\_ Eu sou preta e gosto e gosto da minha cor, e você é linda sendo preta também, além disso, as pessoas pretas, e algumas brancas têm lindos cachos. E ela respondeu:



\_ Não gosto de ser preta, queria ser branca, é mais bonito, queria ser igual a minha amiga Julia, e ter o cabelo igual ao dela, bem lisinho.

Depois disso ela saiu correndo e voltou para a sua sala.( Incursão no Parque, 29/05)

Eliane Cavalleiro( 2003) afirma, (...) o modelo de beleza branca pode estar se tornando desejável. As crianças não brancas passam admirar e desejar para si esta estética. (p.65), esta questão apareceu de diversas maneiras nas incursões, não houve tempo para conversar com as professoras se há um trabalho baseado na diversidade étnica que existe na escola, os não –brancos são a maioria, mas por que algumas crianças querem ser brancas? Pela fala da Letícia, parece que está implícita a aceitação, a possibilidade de pertencimento e simpatia pelo grupo e pela professora,

As crianças engajam-se ativamente na constituição de laços afetivos e de relações sociais em todos os espaços pelos quais circulam. Isso inclui desde a constituição de agrupamentos de composição diversa e particular- mas que obedecem a códigos e regras e estabelecem para si um local definido e definidor – passando pela família e as instituições. (COHN, 2005, p.33)

Com a necessidade de se sentir pertencente o menino Thiago<sup>3</sup>, está sempre próximo ao Pedro, menino branco, cabelos longos, amigo de várias crianças, e preferências diversas, ou seja, ora quer brincar com o Thiago, ora quer brincar com outros colegas, meninos e meninas.

Thiago fica triste quando o Pedro quer brincar com outras crianças, ele chora e se isola, e fica agressivo, presenciei essa situação algumas vezes, e o que me chamou a atenção foi que ele se coloca de castigo, no canto do pensamento mesmo que a professora desenvolva outra estratégia com ele, como conversar, ele diz que “vou sentar ali professora, no castigo”, quando entra nesse estágio não aceita conversar, é necessário esperar alguns minutos para retomar o diálogo com ele, segundo o relato da professora.

Num outro dia por outra situação a professora escreveu no caderno de ocorrências da sala,

O aluno Thiago se desestabilizou por questionar porque não queria comer, chorou, jogou a cadeira, chutou a funcionária da escola. A diretora entrevistou e o acompanhou durante a refeição, e explicou que ele gosta de ter pessoas por perto quando está comendo, segundo ela, o aluno disse “que quase não tem amigos e não gosta de ficar sozinho na mesa, e os seus colegas o deixaram na mesa e estavam xingando ele de feio e preto”. Ao retornar para sala, fizemos uma roda de conversa para conversar sobre o ocorrido. ( Caderno de ocorrências da turma- 5I).

---

<sup>3</sup> Thiago menino preto, cabelo grande, e cacheado, há dias que está bem, outros dias está meio mal humorado, pela manhã, como muitas crianças, o que chama a atenção é como ele se explica, e argumenta sobre questões do cotidiano.



Conversei com a professora, e ela me disse que ele fazia isso, quando ela chamava a sua atenção, ele se colocava de castigo. Cavalleiro, 2003, afirma,

Silêncio, seguido de reação violenta. O que se pode ver naquele parque infantil é nada mais que uma pequena reprodução da própria história do negro em nosso país. Impotente diante da pressão racista, ele parte para a violência e, conseqüentemente, é penalizado. Isso transforma – se em estigma. ( p. 53).

A condição do Thiago<sup>4</sup> me fez observar como ele tentava se relacionar com os colegas e com o Pedro, e como ele muitas vezes fracassava, e suas reações a essas negativas que recebia de diversas maneiras, com xingamentos, agressões, violências não verbais e nem físicas, ele percebe que está sendo excluído por causa da sua origem étnica, mas não sabe como lidar com isso, sua situação de autopunição, parece ser um castigo, por não ser como os outros querem que ele seja. Para uma criança de quatro anos, é muito sofrimento, a professora me relatou que já observou essa situação com ele, e vem tentando organizar estratégias com turma para ele se sentir mais inserido no grupo.

Assim, como afirmei no início deste capítulo, a incursão seguiu um rumo próprio, apesar do havia planejado inicialmente, assim a necessidade de escrever e trazer um pouco da realidade de algumas crianças proporcionou-me uma perspectiva qualitativa, rica de vivências e possibilidade de conhecer pessoas, ou melhor, crianças diversas, e descobrir o quanto essas são interessantes e cheias de histórias, vontades, de princípios, de cultura, e como essas características permeiam o tempo todo no fazer pedagógico. E isso é nítido no parque e nos espaços em que tive a oportunidade de conviver com elas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CAVALLEIRO, E. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo, Contexto, 2003.

COHN, C. *Antropologia da Criança*, Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

---

<sup>4</sup> A professora afirmou que chamou a família para conversar sobre o comportamento do Thiago, e sua autopunição, não procurei informações sobre a conversa, para não sair do foco da incursão, e não adentrar em território em que a escola faz suas ingerências, ao colocar suas preocupações com a criança e orientações as famílias.



ERICKSON, F. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In M. WITTROK (Ed.), *La investigación de la enseñanza II. Métodos cualitativos de observación*. Barcelona: Paidós MEC. 1989, p. 203-47.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, 1999. 10: 58-78.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GUSMÃO, N.M. Olhar viajante: Antropologia, criança e aprendizagem. *Revista Pro- Posições*, Campinas, v. 23, nº2, p.161-178, maio/ago., 2012.

ITURRA, R. *O imaginário das crianças: os silêncios da cultura oral*. Lisboa: Fim de Século, 1997.

ROCKWELL, E. *La experiência etnográfica: historia y cultura em los procesos educativos*. Buenos Aires, Paidós, 2009.